

As obras de John Owen



#1





Sumário

Cristologia..... 5

Prefácio 6

Cristologia

**OU UMA DECLARAÇÃO SOBRE O GLORIOSO
MISTÉRIO DA PESSOA DE CRISTO - DEUS E HOMEM:**

COM

*A Infinita Sabedoria, Amor e Poder de Deus na
Concepção e Constituição Dessa Pessoa;*

TAMBÉM,

*Dos Fundamentos e Razões de Sua Encarnação; A
Natureza de Seu Ministério no Céu; O Estado Atual da Igreja
Celestial Com Base Nisso; E o Uso de Sua Pessoa na Religião:*

COM

*Uma Narrativa e Defesa da Honra, Adoração, Fé, Amor e
Obediência Devidos a Ele, Tanto na Igreja como provenientes
dela..*

*"Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da
sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por
amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo,
para poder ganhar a Cristo." — **Filipenses 3:8***

Prefácio

É uma grande promessa a respeito da pessoa de Cristo, que Ele seria dado à igreja (*Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso conselheiro, Deus forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz – Isaías 9:6*), que Deus o " *Eis que eu assentei em Sião uma pedra, uma pedra já provada, pedra preciosa de esquina, que está bem firme e fundada; ", sobre o qual " aquele que crer não se apresse. "* (Isaías 28:16). No entanto, também foi predito sobre Ele que esse precioso fundamento seria " *Ele será a pedra de escândalo e a pedra de tropeço para as duas casas de Israel, o laço e a cilada para os habitantes de Jerusalém. "*, de modo que " *Muitos dentre eles vacilarão, cairão e serão despedaçados; serão presos ao laço e apanhados na armadilha. "* (Isaías 8:14, 15). De acordo com essa promessa e predição, isso tem acontecido em todas as épocas da igreja, como o apóstolo Pedro declara sobre a primeira delas.

"*Por isso também na Escritura se contém*", diz ele, " *Eis que ponho em Sião uma principal pedra angular, eleita e preciosa; e*

quem nela crer não será confundido. E assim para vós, os que credes, é a preciosidade; mas para os descrentes, a pedra que os edificadores rejeitaram, esta foi posta como a principal da esquina, Como uma pedra de tropeço e rocha de escândalo; porque tropeçam na palavra, sendo desobedientes; para o que também foram destinados. " (1 Pedro 2:6-8).

Para aqueles que creem para a salvação da alma, Ele é e sempre tem sido precioso - o sol, a rocha, a vida, o pão de suas almas - tudo o que é bom, útil, amável, desejável, aqui ou até a eternidade. Nele, através dele e por meio dele, está toda a sua vida espiritual e eterna, luz, poder, crescimento, consolação e alegria; Além disso, Ele oferece a salvação eterna no futuro. Somente por meio dele eles desejam, esperam e obtêm libertação da dolorosa apostasia de Deus, que está acompanhada de tudo o que é mau, nocivo e destrutivo para nossa natureza, e que, sem alívio, resultará em miséria eterna. Por meio dele, eles são trazidos para a mais próxima relação, aliança e amizade com Deus, a união mais firme com Ele e a mais santa comunhão com Ele, que nossas naturezas finitas são capazes, e assim conduzidos ao eterno desfrute d'Ele. Pois *" Mas no Senhor será justificada e se gloriará toda a descendência*

de Israel." (Isaías 45:25); pois " Israel será salvo pelo Senhor, com uma salvação eterna; pelo que não sereis jamais envergonhados nem confundidos em toda a eternidade." (versículo 17).

Por essas e outras razões, o objetivo principal de toda a vida daqueles para quem Ele é tão precioso, é conhecer a Ele - o mistério da sabedoria, graça e amor de Deus em Sua pessoa e mediação, conforme revelado nas Escrituras, que é "vida eterna" (João 17:3) - confiar Nele em relação a todas as questões eternas de suas almas - amá-Lo e honrá-Lo de todo o coração - esforçar-se por se conformar a Ele, em todas aquelas características de bondade e santidade divinas que são representadas a eles Nele. Nessas coisas, consistem a alma, a vida, o poder, a beleza e a eficácia da religião cristã; sem elas, qualquer adorno exterior que possa ser dado ao seu exercício é apenas um cadáver inútil e sem vida. Todo esse propósito é expresso nas palavras celestiais do apóstolo: (Filipenses 3:8-12):

“sim, na verdade, tenho também como perda todas as coisas pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; pelo qual sofri a perda de todas estas coisas, e as considero como refugo, para que possa ganhar a Cristo, e seja achado nele, não tendo como

minha justiça a que vem da lei, mas a que vem pela fé em Cristo, a saber, a justiça que vem de Deus pela fé; para conhecê-lo, e o poder da sua ressurreição e a e a participação dos seus sofrimentos, conformando-me a ele na sua morte, para ver se de algum modo posso chegar à ressurreição dentre os mortos. Não que já a tenha alcançado, ou que seja perfeito; mas vou prosseguindo, para ver se poderei alcançar aquilo para o que fui também alcançado por Cristo Jesus.”

Essa é uma manifestação divina daquela atitude de coração e plano - que é prevalente e eficaz naqueles que consideram Cristo precioso.

Por outro lado, de acordo com a previsão mencionada anteriormente, assim como Ele tem sido um fundamento seguro para todos os que Nele creem, Ele também tem sido " *uma pedra de tropeço e rocha de escândalo para aqueles que tropeçam na palavra, sendo desobedientes, para o que também foram destinados*". Não há nada Nele - nada relacionado a Ele - nada em Sua pessoa, Suas naturezas, Seu ofício, Sua graça, Seu amor, Seu poder, Sua autoridade, Sua relação com a igreja - que não tenha sido para muitos uma pedra de tropeço e rocha de ofensa. Sobre essas coisas, surgiram todas as terríveis

contendas que têm ocorrido e sido travadas entre aqueles que externamente fazem profissão da religião cristã. E as controvérsias sobre elas só aumentam em vez de diminuir, até os dias atuais; aonde pelos frutos desastrosos vem sofrendo o mundo sob este peso e já não consegue suportar. Pois, assim como a oposição ao Senhor Cristo nessas coisas, por pessoas de mente perversa, arruinou suas próprias almas - ao se chocarem contra essa rocha eterna - também em conjunto com outras paixões e interesses da mente carnal dos homens, encheu o próprio mundo de sangue e confusão.

O restabelecimento da Pessoa, do Espírito, da Graça e da autoridade de Cristo nos corações e consciências dos homens é o único caminho pelo qual um fim pode ser colocado a esses terríveis conflitos. Porém, isso não pode ser esperado em qualquer grau de perfeição entre aqueles que tropeçam nessa pedra de ofensa, para o que foram destinados; embora, no final, Ele também enviará juízo à vitória, e todos os mansos da terra o seguirão. Enquanto isso, aqueles para quem Ele é uma pedra de ofensa - em Sua pessoa, Seu Espírito, Sua graça, Seu ofício e autoridade - são diligentes e incansáveis (em suas várias maneiras e formas, em graus

menores ou maiores, em artifícios secretos ou contradições abertas a qualquer um ou todos eles, sob várias pretensões e para diversos fins, até mesmo alguns deles em busca de vantagens seculares, as quais a astúcia de Satanás preparou para os enredar) em todas as formas de oposição à Sua glória. Portanto, é o mais alto dever daqueles para quem Ele é precioso, cujo principal propósito é serem encontrados construídos sobre Ele como o fundamento seguro, não apenas manter a verdade a respeito Dele (essa pessoa, esse Espírito, essa graça, esse ofício e autoridade), mas também abundar em todos os deveres de fé, amor, confiança, honra e deleite Nele. Além disso, devem declarar Sua excelência, defender a causa de Sua glória, vindicar Sua honra e testemunhar que Ele é o único descanso e recompensa das almas dos homens, conforme são chamados e têm oportunidade para fazê-lo.

Este, e nenhum outro, é o objetivo do tratado que se segue; nele, embora todas as coisas estejam infinitamente aquém da glória, excelência e sublimidade do assunto tratado (pois nenhuma mente pode conceber, nenhuma língua pode expressar a verdadeira e substancial glória deles), ainda assim, em todas as suas partes, pode haver reflexo de falhas e

imperfeições, devido à limitação do seu autor. Contudo, afirmo com confiança que, no conjunto, a verdade eterna de Deus referente ao mistério da sua sabedoria, amor, graça e poder, na pessoa e mediação de Cristo, juntamente com os nossos deveres para com Ele, isto é, o Pai, o Filho e o Espírito eterno, é defendida e vindicada, e jamais será abalada pelos esforços e oposições mais extremas das portas do inferno.

E na aceitação da verdade acerca dessas coisas consiste, de forma especial, aquela fé que foi a vida e a glória da igreja primitiva, pela qual eles contendiam fervorosamente e na qual obtiveram vitória contra todas as tropas de adversários que procuravam fazê-los tropeçar. Testemunhando sobre essas verdades, eles não amaram suas vidas até a morte, mas derramaram seu sangue como água, enfrentando todas as perseguições pagãs, que não tinham outro objetivo senão derrubá-los e separá-los desse rochedo inexpugnável, dessa preciosa fundação. Em defesa dessas verdades, eles entraram em conflito, em orações, estudos, viagens e escritos, contra as multidões de sedutores que os enfrentaram. Por essa razão, eu pensei em confirmar os principais pontos do discurso que se segue com alguns testemunhos dos escritos mais antigos dos

primeiros tempos da igreja. No entanto, eu omiti isso, temendo que a inclusão de tais passagens pudesse prejudicar em vez de promover a edificação dos leitores comuns, que é o meu principal objetivo. Mesmo assim, decidi não negligenciar completamente esse propósito e apresentar, pelo menos, uma amostra de seus sentimentos sobre as principais verdades defendidas neste prefácio. No entanto, também encontrei uma decepção nisso; pois o editor, de forma inesperada para mim, concluiu a impressão do próprio discurso, e eu me contentarei em utilizar o que já tenho em mãos, não tendo tempo ou oportunidade para fazer uma investigação mais aprofundada.

Eu farei algo nesse sentido, especialmente porque terei a oportunidade de apresentar um resumo das principais partes do próprio discurso e esclarecer algumas passagens que podem ser consideradas obscuras por alguns.

Capítulo I. O alicerce de toda a obra é estabelecido na referência às palavras de nosso abençoado Salvador, onde Ele declara ser a rocha sobre a qual a igreja é construída (Mateus 16:18):

“Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do hades não prevalecerão contra ela;”

A suposta ambiguidade dessas palavras tem sido distorcida pelos interesses seculares dos homens, a fim de dar origem a uma controvérsia assombrosa entre os cristãos, sobre se Jesus Cristo ou o Papa de Roma é a rocha sobre a qual a igreja é edificada. Os homens santos do passado, que valorizavam muito a Cristo, estavam livres dos desejos mundanos de grandeza e poder e não sabiam nada disso. Testemunhos podem ser - e foram - multiplicados por outros com esse propósito. Vou mencionar alguns deles.

"Este é aquele que conduz ao Pai, a rocha, a chave, o pastor", etc., diz Inácio: Epístola aos Filadelfenses — "Ele" (ou seja, Cristo) "é o caminho que conduz ao Pai, a rocha, a chave, o pastor" — onde ele faz referência a este testemunho. E Orígenes nega expressamente que as palavras tenham sido faladas sobre Pedro em Mateus 16 (Tratado 1):

"Se você pensa que toda a igreja foi construída apenas sobre Pedro, o que dirá de João e de cada um dos apóstolos?

Será que ousaremos dizer que as portas do inferno não prevaleceram contra apenas Pedro?"

"Se você pensar que toda a igreja foi construída apenas sobre Pedro, o que diremos de João e de cada um dos apóstolos? O que! Ousaremos dizer que as portas do inferno não prevalecerão apenas contra Pedro?" Assim, ele [Eusébio] concordava com a opinião comum dos antigos, de que não havia nada de peculiar na confissão de Pedro e na resposta dada a ele como a si mesmo, mas que ele falava e era falado em nome de todos os demais apóstolos. Eusébio, Preparação para o Evangelho, livro 1, capítulo 3:

"E teve a ousadia de afirmar que a igreja estabelecida por Cristo sobre a rocha inabalável, que será preservada até as portas do inferno, não será superada por forças infernais ou pelas portas do Hades."

Ele prova a veracidade das predições divinas através do glorioso cumprimento da palavra e da promessa de nosso Salvador, que construiria sua igreja sobre a rocha (ou seja, ele mesmo), de modo que as portas do inferno não prevaleceriam contra ela. Pois "*Unum hoc est immobile fundamentum, una haec*

est felix fidei Petra, Petri ore confessa, Tu es filius Dei vivi", diz Hilary de Trin., lib. 2 - "Esta é a única base imutável, esta é a abençoada rocha da fé confessada por Pedro, Tu és o Filho do Deus vivo". E Epiphanius, Haer.29: "**Texto em grego que não consegui trazer da página 27**" - "Sobre esta rocha" da fé assegurada "construirei minha igreja". Pois muitos pensavam que a própria fé era chamada metonimicamente de Rocha, por causa de seu objeto, ou seja, a pessoa de Cristo, que assim é.

Mais um ou dois trechos de Agostinho encerrarão esses testemunhos: "*Super hanc Petram, quam confessus es, super meipsum filium Dei vivi, aedificabo ecclesiam meam. Super me aedificabo te, non me super te*", De Verbis Dom., Serm. 13. - "Sobre esta rocha que tu confessaste - sobre mim mesmo, o Deus do Deus vivo - edificarei minha igreja. Edificar-te-ei sobre mim mesmo e não eu sobre ti." E ele declara mais plenamente o seu pensamento: (Tract. 124, in Johan. :)

"Universam significabat ecclesiam, quae in hoc seculo diversis tentationibus, velut imbribus, fluminibus, tempestatibusque quatitur, et non cadit; quoniam fundata est supra Petram; unde et Petrus nomen accepit. Non enim a Petro Petra, sed Petrus a Petra; sicut non Christus a Christiano, sed Christianus a Christo vocatur.

Ideo quippe ait Dominus, 'Super hanc Petram aedificabo ecclesiam meam', quia dixerat Petrus, 'Tu es Christus filius Dei vivi'. 'Super hanc ergo' (inquit) 'Petram quam confessus es, aedificabo ecclesiam meam'. Petra enim erat Christus, super quod fundamentum etiam ipse aedificatus est Petrus. Fundamentum quippe aliud nemo potest ponere, praeter id quod positum est, quod est Jesus Christus".

"Ele (Cristo) se referia à igreja universal, que neste mundo é abalada por diversas tentações, como chuvas, inundações e tempestades, mas não cai, porque é construída sobre a rocha (Petra) da qual Pedro tirou o seu nome. Pois a rocha não é chamada de Petra por causa de Pedro, mas Pedro é assim chamado por causa de Petra, a rocha; assim como Cristo não é chamado de Cristão, mas os cristãos são assim chamados por causa de Cristo. Portanto, disse o Senhor: 'Sobre esta rocha edificarei a minha igreja', porque Pedro disse: 'Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.' Sobre esta rocha, que tu confessaste, edificarei a minha igreja. Pois Cristo mesmo era a rocha sobre a qual a fundação de Pedro foi construída. Pois nenhum outro fundamento pode alguém lançar, a não ser o que está lançado, que é Jesus Cristo."

Cap. II. Contra esta rocha, esta fundação da igreja - a pessoa de Cristo e a fé da igreja a respeito dela - grande oposição tem sido feita pelas portas do inferno. Sem mencionar a fúria do mundo pagão, que se esforçou com todos os efeitos de violência e crueldade para lançar a igreja dessa fundação; todas as heresias com as quais, desde o início e por alguns séculos seguintes, ela foi afligida, consistiram em oposições diretas e imediatas à eterna verdade concernente à pessoa de Cristo. Algumas dessas heresias, de fato, nunca pretenderam qualquer sobriedade, mas foram meros efeitos de delirantes imaginações; no entanto, mesmo eles, de alguma forma, derivaram de um ódio à pessoa de Cristo e se centraram nisso. Seu início foi no início da igreja, mesmo antes da escrita do evangelho de João ou de sua Revelação, e de fato antes de algumas das epístolas de Paulo. E embora seu início tenha sido pequeno e aparentemente desprezível, estando cheio do veneno da antiga serpente, eles se difundiram em várias formas e formas, até que não restava nada de Cristo - nada que se relacionava com ele, nem suas naturezas, divina ou humana, nem suas propriedades ou ações, nem sua pessoa, nem a união de suas naturezas - que não fosse

oposta e atacada por eles. Especialmente logo que o evangelho havia subjugado o Império Romano a Cristo e era reconhecido pelos governantes, o mundo inteiro foi preenchido por alguns séculos com agitações, confusões e desordens escandalosas em relação à pessoa de Cristo, devido às malditas oposições feitas pelas portas do inferno. A igreja não teve descanso dessas lutas por cerca de quinhentos anos. No entanto, próximo a esse período de tempo, o poder da verdade e da religião começando a declinar universalmente entre os professores exteriores delas, Satanás aproveitou a oportunidade para causar a destruição da igreja - por meio de superstição, falso culto e profanidade de vida - que ele havia falhado em sua tentativa contra a pessoa de Cristo ou a doutrina da verdade relacionada a Ele.

Seria uma tarefa tediosa e, talvez, não muito proveitosa para aqueles que estão totalmente alheios a eventos tão distantes no passado, nos quais parecem não ter interesse, apresentar um exemplo das várias heresias pelas quais foram feitas tentativas contra essa rocha e fundação da igreja. Para aqueles que investigaram os registros da antiguidade, isso seria totalmente inútil. Pois quase cada página deles, à primeira

vista, apresenta ao leitor um relato de alguma ou algumas delas. No entanto, considero útil que os cristãos comuns, pelo menos em geral, se familiarizem com o que aconteceu nessa grande controvérsia sobre a pessoa de Cristo, desde o início. Pois há duas coisas relacionadas a isso em que sua fé está profundamente envolvida. Primeiro, há evidências apresentadas nessas controvérsias da veracidade das profecias das Escrituras, nas quais essa fatal apostasia da verdade e a oposição ao Senhor Cristo são preditas; e, segundo, um exemplo notável de seu poder e fidelidade na nomeação e conquista das portas do inferno no enfrentamento dessa oposição. Mas todas essas heresias já foram relatadas e organizadas em métodos de tempo e assunto por muitos homens sábios, tanto antigos quanto contemporâneos, de modo que não vou apresentá-las novamente ao leitor neste discurso ocasional. Apenas darei um breve relato dos meios e formas pelos quais aqueles que mantiveram a profissão da verdade lutaram por ela, até a conquista sobre as heresias perniciosas com as quais foi confrontada.

A defesa da verdade, desde o início, foi confiada e conduzida pelos guias e líderes da igreja em suas diversas

funções. Eles cumpriram seu dever, apoiados pela Escritura e pela tradição apostólica que a acompanha. Esse compromisso foi transmitido pelo grande apóstolo (Atos 20:28-31; 1 Timóteo 6:13, 14; 2 Timóteo 2:1, 2, 15, 23, 24; 4:1-5). Quando alguns falhavam nesse dever, eram repreendidos por Cristo, como visto no livro do Apocalipse (Apocalipse 2:14, 15, 20). Os crentes comuns também não estavam isentos desse dever, mas fielmente se engajavam nele, conforme instruídos na Bíblia (1 João 2:20, 27; 4:1-3; 2 João 1:8, 9). Todos os verdadeiros crentes, em suas diferentes posições, contribuíam efetivamente para a preservação e propagação da fé da igreja, por meio de vigilância mútua, pregação ou escrita, de acordo com suas habilidades e chamados. Esses meios externos eram suficientes para esses propósitos, desde que fossem aplicados com consciência e diligência. A suposta defesa da verdade com artifícios e armas de outra natureza tem sido a ruína da religião, perdendo a paz dos cristãos além de qualquer possibilidade de recuperação. E é digno de nota que, enquanto somente esse caminho de preservação da verdade era enfatizado e seguido, embora inúmeras heresias surgissem uma após outra, e às vezes muitas ao mesmo tempo,

elas nunca fizeram grande progresso nem chegaram a uma consistência suficiente para se oporem firmemente à verdade; os próprios erros e seus autores eram como meteoros errantes, que apareciam por um curto período e desapareciam logo em seguida. Posteriormente, isso não foi mais o caso, quando outras formas e meios para suprimir as heresias foram considerados convenientes e necessários.

À medida que o tempo passou e o poder do Império Romano conferiu apoio e proteção à religião cristã, adotou-se outro método com o intuito de alcançar esse objetivo. Tratava-se da convocação de assembleias de bispos e outras autoridades, conhecidas como Concílios Gerais, as quais possuíam uma autoridade mista, envolvendo aspectos civis e eclesiásticos, estando vinculadas tanto à autoridade dos imperadores quanto à jurisdição na igreja, que começava a ser debatida naquele período. Esse caminho teve seu início no Concílio de Niceia, onde, embora tenha havido uma determinação da doutrina relacionada à pessoa de Cristo — assunto que estava sendo discutido e que opunha-se à sua natureza divina — de acordo com a verdade, diversos problemas e inconvenientes surgiram em decorrência disso. A

partir de então, a fé dos cristãos passou a depender grandemente da autoridade dos homens, atribuindo-se tanto ou até mais peso ao que era decretado pelos pais reunidos no concílio do que ao que era claramente ensinado nas Escrituras. Além disso, ao se sentirem obrigados a explicar suas concepções acerca da natureza divina de Cristo com palavras que não eram utilizadas nas Escrituras ou cujo significado para esse propósito não estava claramente definido nelas, abriu-se espaço para intermináveis controvérsias sobre esses termos. Os próprios gregos não conseguiram chegar a um acordo por muito tempo se "ousia" e "hypostasis" tinham a mesma significação ou não (ambas denotando essência e substância), ou se diferiam em seus significados, e, se sim, em que consistia essa diferença. Inicialmente, Atanásio afirmava que eram iguais (Orat. 5 con. Arian., e Epist. ad African.), enquanto Basílio negava essa equivalência e afirmava que não foram usados com o mesmo propósito no Concílio de Niceia (Epist. 78). Logo, surgiu a mesma divergência entre os gregos e os latinos em relação a "hypostasis" e "persona". Os latinos traduziram "hypostasis" por "substantia" e "prosopon" por "persona". Sobre isso, Jerônimo reclamou, em sua Epístola a

Dâmaso, que lhe exigiram no Oriente confessar "tres hypostases", enquanto ele só admitia "tres personas" (Epist. 71). Agostinho também menciona essa diferença em seu livro "De Trinitate", capítulos 8 e 9. Atanásio buscou resolver essa divergência e conseguiu, em grande parte, obter êxito nesse intento, como afirmou Gregório Nazianzeno em seu discurso sobre o louvor a Atanásio. Isso foi alcançado por ele em um sínodo realizado em Alexandria, no primeiro ano do reinado de Juliano. Nessa ocasião, muitas disputas surgiram, mesmo entre aqueles que afirmavam aderir à doutrina do Concílio de Niceia. Os astutos asiáticos fizeram um uso incrível disso, inicialmente alegando que não se opunham à divindade de Cristo, mas apenas à expressão dela por meio do termo "homo-ousios". No entanto, posteriormente, eles se permitiram criar palavras e termos para expressar suas ideias, que negavam completamente essa divindade. Surgiram então termos como "homoiousios, heterousios, ex ouk onton", e outros nomes blasfemos, em torno dos quais as controvérsias foram ferozes e intermináveis. Além disso, surgiram outros males decorrentes disso. As mentes curiosas e astutas dos homens, encontrando-se libertas para pensar e discutir sobre

os mistérios da bem-aventurada Trindade e a pessoa de Cristo, sem levar em consideração as claras testemunhas divinas (em meio a artimanhas e sofismas que exerciam grande influência), começaram a multiplicar noções próximas, curiosas e falsas sobre esses temas, especialmente sobre este último, o que causou novas perturbações, amplas em extensão e de longa duração. Para suprimir essas divergências, concílios eram convocados um após o outro, o que geralmente resultava em novas ocasiões de diferenças, muitas delas gerenciadas com grande escândalo para a religião cristã. Os homens começaram a abandonar em grande parte as formas primitivas de combater erros e extinguir heresias, voltando-se para seus próprios interesses, o número de seus seguidores e sua influência junto aos imperadores da época. Embora em alguns casos, como no Concílio de Constantinopla, no primeiro de Éfeso e no de Calcedônia, a verdade (em sua substância) tenha prevalecido (embora em muitos outros casos tenha sido bem diferente), esses concílios sempre deram origem a novas divisões, animosidades e até mesmo ódio mútuo entre os principais líderes do povo cristão. Houve grandes disputas entre alguns daqueles que alegavam crer na mesma verdade,

sobre se tal ou qual concílio deveria ser aceito - isto é, se a igreja deveria resolver sua fé com base na autoridade deles. As contendas dessa natureza em torno do primeiro Concílio de Éfeso e do de Calcedônia, sem mencionar aqueles em que os asiáticos prevaleceram, ocupam boa parte da história eclesiástica daquela época. E não se pode negar que algumas das principais personalidades e assembleias que aderiram à verdade, no calor da oposição às heresias de outros homens, caíram eles próprios em excessos injustificáveis.

Um exemplo disso pode ser visto na heresia nestoriana, condenada no Primeiro Concílio de Éfeso e posteriormente no Concílio de Calcedônia. Cyril de Alexandria, um homem erudito e fervoroso, buscou combater essa heresia com a mesma determinação que seu predecessor Atanásio demonstrou contra o arianismo. No entanto, ao se empenhar nessa tarefa, ele acabou se excedendo e gerando tumultos. Fica evidente que ele não diferenciava claramente os termos "hipóstase" e "natureza", afirmando que a Palavra divina e a humanidade de Cristo possuíam apenas "uma única natureza". Essa posição foi expressa em sua carta a Successo: "Eles não compreendem que a verdade é que a Palavra se

encarnou em uma única natureza". Esse entendimento levou Eutiques, o Arquimandrita, a adotar uma posição extremamente oposta, tornando-se um inimigo ferrenho de Nestório, rivalizando com a intensidade de Cyril. Para combater a divisão da pessoa de Cristo proposta por Nestório, Eutiques acabou confundindo as duas naturezas de Cristo em uma só, levando sua atitude extremista a ser endossada pelo controverso Segundo Concílio de Éfeso. É importante notar que, devido à veemência de Cyril e seu ódio a Nestório, bem como sua inclinação a expressar o profundo mistério da pessoa de Cristo com palavras sutis e complexas, ele acabou ultrapassando os limites de moderação estabelecidos pelo apóstolo Paulo (Romanos 12:3), e talvez até mesmo os limites da própria verdade. Como resultado, muitos estudiosos hoje começam a questionar e sugerir que Cyril pode ter estado equivocado e que Nestório foi injustamente condenado sob sua influência. Entretanto, é indubitável para mim que a doutrina condenada em Éfeso e Calcedônia como a doutrina de Nestório era nociva à verdadeira pessoa de Cristo; e que Cyril, apesar de ter cometido erros em várias expressões, ainda tinha a intenção de declarar e confirmar a verdade;

como foi há muito tempo justificado por Theorianus: Diálogo contra os Armênios.

Entretanto, foi tão vigilante o cuidado de Cristo sobre a igreja para a preservação desta sagrada e fundamental verdade sobre sua pessoa divina e a união de suas naturezas nela, mantendo suas propriedades e operações distintas, que - apesar de toda a facção e desordem que ocorreram nesses concílios primitivos, e das contestações escandalosas de muitos de seus membros; apesar das determinações contrárias em grandes e numerosos concílios - a fé nessa verdade foi preservada intacta nos corações de todos os que verdadeiramente creram e triunfou sobre as portas do inferno.

Gostaria de mencionar alguns pontos importantes relacionados à promessa e previsão feita por nosso abençoado Salvador em Mateus 16:18 (a passagem que estamos discutindo). Esses pontos mostram que a igreja pode ser preservada sem a necessidade de tais assembleias gerais, que acabaram se tornando ferramentas perniciosas para a corrupção da fé, culto e conduta da igreja nos séculos seguintes. Na verdade, essas assembleias frequentemente prejudicaram a verdade em vez de preservá-la. Além disso, é

importante observar que em cada um desses concílios, o "mistério da iniquidade" também estava presente, lançando as sementes da apostasia que mais tarde se manifestaria de forma evidente. O Senhor Jesus Cristo, em sua sabedoria, assumiu a responsabilidade de edificar sua igreja sobre a rocha inabalável que é sua própria pessoa, através da verdadeira fé nele e em seus ensinamentos. Ele enviou seu Espírito Santo para testemunhar a respeito dele, manifestando os maravilhosos efeitos de seu poder e graça. Além disso, Ele continua a proclamar Sua Palavra através de ministros fiéis, revelando, declarando e defendendo Sua sagrada verdade, para convencer e refutar os opositores. Essa verdadeira preservação da fé e da igreja é garantida pelo próprio Cristo, e não depende exclusivamente de concílios ou assembleias. Ele mantém a fé em Si mesmo e o amor a Ele nos corações de todos os Seus eleitos, de forma que não poderão ser derrotados. Portanto, embora as oposições a esta sagrada verdade, este artigo fundamental da igreja e da religião cristã - referente à Sua pessoa divina, sua constituição e uso, com a natureza humana unida substancialmente a Ele e subsistindo nEle - tenham aumentado nesta última era, embora elas sejam conduzidas

sob uma grande variedade de formas, que não podem ser reduzidas a categorias claras; embora sejam promovidas com maior sutileza e pretextos especiosos do que em épocas anteriores, se não negligenciarmos nosso dever com a ajuda da graça que nos é oferecida, triunfaremos finalmente nesta causa e transmitiremos esta verdade sagrada intacta àqueles que nos sucederem na profissão dela.

Capítulo III. Essa pessoa de Cristo, que é a fundação sobre a qual a igreja é construída e contra a qual todas as formas de oposição são tentadas e projetadas, é o mais inefável efeito da bondade e sabedoria divinas - um assunto que trataremos a seguir. Porém, quando falo da constituição da pessoa de Cristo, não me refiro à Sua pessoa de forma absoluta, como o Filho eterno de Deus. Desde a eternidade, Ele foi verdadeira, real e completamente uma pessoa divina, o que está incluído na noção de ser o Filho e, portanto, distinto do Pai, constituindo Sua personalidade completa. Sua existência como tal não foi um mero resultado voluntário ou efeito da sabedoria e bondade divinas, pois Sua geração eterna é um ato interno necessário da natureza divina na pessoa do Pai.

Da geração eterna da pessoa divina do Filho, os escritores sóbrios da igreja antiga constantemente afirmavam que era firmemente para ser acreditada, mas quanto à maneira dela, não deveria ser investigada. "Scrutator majestatis absorbetur a gloria" era a regra deles; e as disputas curiosas de Alexandre e Ário sobre isso deram origem ao monstro de muitas cabeças da heresia ariana que se seguiu posteriormente. Pois uma vez que homens de cabeças sutis e corações não santificados se entregaram a investigar coisas infinitamente acima de sua compreensão e capacidade - sendo vaidosamente inflados em suas mentes carnaís - eles caíram em divisões intermináveis entre si, concordando apenas em se opor à verdade. Mas aqueles que se contentaram em ser sábios em sobriedade reprimiram essa ousadia ímpia. Nesse sentido, fala Lactâncio: (livro 4, De Vera Sapientia).

"Quomodo igitur procreavit? Nec sciri a quoquam possunt, nec narrari, opera divina; sed tamen sacrae literae docent illum Dei filium, Dei esse sermonem".

"Então, como o Pai gerou o Filho? Essas obras divinas não podem ser conhecidas por ninguém, declaradas por ninguém; mas as Escrituras Sagradas" (nas quais está

determinado) "ensinam que ele é o Filho de Deus, que ele é a Palavra de Deus." Ambrósio: (De Fide, ad Gratianum).

“Quaero abs te, quando aut quomodo putes filium esse generatum? Mihi enim impossibile est scire generationis secretum. Mens deficit, vox silet, non mea tantum, sed et angelorum. Supra potestates, supra angelos, supra cherubim, supra seraphim, supra omnem sensum est. Tu quoque manum ori admove; scrutari non licet superna mysteria. Licet scire quod natus sit, non licet discutere quomodo natus sit; illud negare mihi non licet, hoc quaerere metus est. Nam si Paulus ea quae audivit, raptus in tertium coelu, ineffabilia dicit, quomodo nos exprimere possumus paternae generationis arcanum, quod nec sentire potuimus nec audire? Quid te ista questionum tormenta delectant?”

"Indago de ti quando e como o Filho foi gerado? É impossível para mim conhecer o mistério desta geração. Minha mente falha, minha voz se cala - e não apenas a minha, mas também dos anjos; está acima das principados, acima dos anjos, acima dos querubins, acima dos serafins, acima de toda compreensão. Ponha tua mão sobre tua boca; não é lícito buscar esses mistérios celestiais. É lícito saber que ele nasceu - não é lícito discutir como ele nasceu; é ilegal para mim negar

isso - e tenho medo de investigar. Pois se Paulo, quando foi levado ao terceiro céu, afirma que as coisas que ouviu não podem ser proferidas; como podemos expressar o mistério da geração divina, que não podemos apreender nem ouvir? Por que tais perguntas torturantes te agradam?"

Efraim Sírío escreveu um livro com esse propósito, contra aqueles que queriam investigar a natureza do Filho de Deus. Entre muitas outras coisas com o mesmo propósito, estão suas palavras: (cap. 2:)

"Infelix profecto, miser, atque impudentissimus est, qui scrutari cupot Opificem suum. Millia millium, et centies millies millena millia angelorum et archangelorum, cum horrore glorificant, et tremantes adorant; et homines lutei, pleni peccatis, de divinitate intrepide disserunt Non illorum exhorrescit corpus, non contremescit animus; sed securi et garruli, de Christo Dei filio, qui pro me indigno peccatore passus est, deque ipsius utraque generatione loquuntur; nec saltem quod in luce caecutiunt, sentiunt"

"Aquele que deseja examinar ou investigar o seu Criador é infeliz, miserável e extremamente impudente.

Milhares de milhares e centenas de milhões de anjos e arcanjos o glorificam com temor e o adoram com tremor; e deveriam homens de barro, cheios de pecados, disputar da divindade sem temor? O horror não abala seus corpos, suas mentes não tremem, mas, seguros e falantes, falam sobre o Filho de Deus, que sofreu por mim, pecador indigno, e sobre ambas as suas natividades ou gerações; pelo menos eles não percebem o quão cegos estão na luz."

Eusébio fala do mesmo modo, de forma abrangente: Demonstratio Evang., lib. 5 cap. 2.

Leão acrescenta bem a esta consideração a encarnação de Cristo, com estas palavras excelentes: (Serm. 9, De Nativit.:)

"Quia in Christo Jesus Filio Dei non solum ad divinam essentiam, sed etiam ad humanan spectat naturam, quo dictum est per prophetam —'generationem ejus quis enarrabit?' — (utramque enim substantiam in unam convenisse personam, nisi fides credat, sermo non explicat; et ideo materia nunquam deficit laudis; qui nunquam sufficit copia laudatoris) — gaudeamus igitur quod ad eloquendum tantum, misericordiae sacramentum impares sumus; et

cum salutis nostrae altitudinem promere non valeamus, sentiamus nobis bonum esse quod vincimur. Nemo enim ad cognitionem veritatis magis propinquat, quam qui intelligit, in rebus divinis, etiamsi multum proficiat, semper sibi superesse quod quaerat". See also Fulg., lib. 2 ad Thrasimund.

Mas quando falo da pessoa de Cristo em relação à assunção do atributo essencial da natureza humana, não quero dizer que sua pessoa seja composta por partes, mas sim que a natureza humana subsiste nele por meio de uma união substancial. É verdade que alguns dos antigos autores falavam livremente sobre a composição da pessoa de Cristo pelas duas naturezas, a divina e a humana. No entanto, a heresia de Apolinário, Eutiques, os Monotelitas ou Monofisitas, foi condenada por afirmarem que, após sua encarnação, o Filho de Deus tinha uma única natureza composta de Divindade e humanidade. Em contraste, esses antigos autores sempre sustentaram que a natureza divina simples de Cristo, juntamente com a natureza humana composta de alma e corpo, constituía sua única pessoa, mas não que sua pessoa fosse composta por elas. Eles se referiam a essa união como

"união natural", por ser a união de naturezas diversas, e "união por composição".

No entanto, visto que não existe e nem pode haver uma composição propriamente dita das naturezas divina e humana, e porque o Filho de Deus era uma pessoa perfeita antes de sua encarnação, na qual ele permaneceu como era e se tornou o que não era, a expressão tem sido abandonada e evitada. A união é melhor expressa pela assunção de um adjunto substancial, ou seja, a natureza humana que subsiste na existência pessoal com o Filho de Deus, como será explicado posteriormente. Os antigos autores constantemente admiram isso como o efeito mais inefável da sabedoria divina e graça: "O que é sem carne torna-se carne, a Palavra cresce, o Invisível é visto, o Imaterial é tocado, o Eterno começa, o Filho de Deus se torna filho do homem", diz Gregório Nazianzeno (Orat. 12), admirando esse mistério. Por meio disso, Deus nos comunica todas as coisas de sua própria plenitude gloriosa, cujas abordagens próximas não somos capazes de suportar. Assim é ilustrado por Eusébio (Demonst. Evang., liv. 4 cap. 5, etc.).

"Assim como o raio do sol, uma única e idêntica projeção que, ao mesmo tempo, ilumina e aquece o ar, clareia os olhos, aquece a atmosfera, fertiliza o solo, nutre as plantas, e assim por diante (cap. 6). Portanto, se seguirmos essa analogia, os Filhos do Homem também vêm da morada celestial para habitar na Terra, para que nada na Terra fique privado de sua presença, sendo completamente imbuído pela mesma e única emissão de luz."

O sentido das palavras, juntamente com algumas que se seguem no mesmo trecho, é o seguinte: Pelos raios da luz solar, da vida e do calor, ocorre a comunicação para a procriação, sustentação, refrescamento e nutrição de todas as coisas. Porém, se o próprio sol descesse à Terra, nada suportaria seu calor e brilho; nossos olhos não seriam iluminados, mas obscurecidos por sua glória, e todas as coisas seriam engolidas e consumidas por sua grandiosidade; enquanto, por meio de seus raios, tudo é iluminado e amavelmente refrescado. Assim acontece com esse raio eterno ou brilho da glória do Pai. Não conseguimos suportar a aproximação imediata do Ser Divino; mas por meio dele,

encarnado, todas as coisas nos são comunicadas, de uma maneira adequada à nossa recepção e compreensão.

Assim como é admirado por Leo: (Sermão 3, Sobre o Nascimento:)

"A natureza humana foi assumida na comunhão do Criador, não para que Ele fosse o habitante e ela fosse a habitação; mas para que uma natureza se misturasse com a outra de tal forma, de modo que, embora a que é assumida seja diferente da que a assume, a diversidade de ambas se harmonizasse em uma unidade tão profunda, que o mesmo Filho fosse, ao mesmo tempo, menor que o Pai enquanto verdadeiro homem, e igual ao Pai enquanto verdadeiro Deus."

"A natureza humana é assumida na sociedade do Criador, não para que ele seja o habitante e ela a habitação" (ou seja, por uma habitação nos efeitos de seu poder e graça, pois de outra forma a plenitude da Divindade habitava nele corporalmente), "mas para que uma natureza seja tão misturada" (ou seja, unida) "com a outra, de tal maneira que, embora aquela seja de uma espécie que assume e aquela de outra espécie que é assumida, a diversidade de ambas concorra

em uma unidade ou união tal que seja o mesmo Filho, que, sendo verdadeiro homem, disse que era menor que o Pai, ou seja, o Pai era maior que ele — assim como, sendo verdadeiro Deus, professa ser igual ao Pai." Veja também Agostinho em "De Fide", ad Peter Diacon., cap. 17; Justitianus Imperator em Epist. ad Hormisdam, Romae Episcop.

"E o mistério é bem expresso por Maxentius: (Biblioth. Patr. pars prima:) 'Não confundimos a diversidade das naturezas; entretanto, tu não afirmas que Deus foi feito homem, mas confessamos que Deus foi feito Cristo. Pois Ele não se tornou rico quando era pobre, mas tornou-se pobre quando era rico, para nos tornar ricos; e não foi quando estava na forma de um servo que Ele tomou a forma de Deus, mas quando estava na forma de Deus que Ele tomou a forma de um servo; de forma semelhante, nem quando carne, a palavra se tornou; mas quando era a palavra, a carne se tornou.'"

"E que Jerônimo, falando dos efeitos deste mistério, disse: (Comentário sobre Ezequiel, cap. 46:)

"Que o leitor não se admire se ele encontrar um mesmo ser o Príncipe e o Sacerdote, o Touro, o Carneiro e o

Cordeiro; pois nas Sagradas Escrituras, por variedade de razões, nós o encontramos chamado Senhor, Deus e Homem, o Profeta, um Cajado e a Raiz, a Flor, o Príncipe, Juiz e Justo Rei; a Justiça, o Apóstolo e Bispo, o Braço e Servo de Deus, o Anjo, o Pastor, o Filho, o Unigênito, o Primogênito, a Porta, o Caminho, a Flecha, a Sabedoria, e várias outras coisas." E Enódio, como que transformou este trecho de Jerônimo em verso:"

***"Corda domat, qui cuncta videt, quem cuncta tramiscunt;
Fons, via, dextra, lapis, vitulus, leo, lucifer, agnus;
Janua, spes, virtus, verbum, sapientia, vates.
Ostia, virgultum, pastor, mons, rete, columba,
Flama, gigas, aquila, sponsus, patientia, nervus,
Filius, excelsus, Dominus, Deus; omnia Christus."
(In natalem Papae Epiphani.)***

"Que o homem desejou ser o que Cristo é, para que também o homem possa ser o que Cristo é", diz Cipriano: "Sobre a Vaidade dos Ídolos", capítulo 3.

E também,

"Seremos cristãos na medida em que imitarmos Cristo", Ibid. E ele explica seu pensamento nesta expressão de forma admirativa: (Livro da Esmola:) "Cristo, o filho do

homem, quis tornar-se, para que Ele nos fizesse filhos de Deus; Ele se humilhou para erguer o povo que estava caído; Ele foi ferido para curar nossas feridas".

Capítulo IV. Que ele foi o fundamento de todos os santos desígnios de Deus, no que diz respeito à vocação, santificação, justificação e salvação eterna da igreja, é, em seguida, amplamente declarado. E isso aconteceu por três razões.

1. Do deleite mútuo e inefável do Pai e do Filho nessas deliberações desde a eternidade.
2. Como o único caminho e meio para a realização de todos esses planos, e a comunicação de seus efeitos, para a glória eterna de Deus.
3. Como ele mesmo, encarnado, era a ideia e o exemplar na mente de Deus de toda a graça e glória na igreja que foi planejada para ela nesses conselhos eternos.

Como causa de todo bem para nós, ele é reconhecido por isso pelos antigos. "Ele, portanto, é o Verbo, o Cristo, e a causa de antigamente do nosso ser; pois ele estava em Deus, e

a causa do nosso bem-estar. Mas agora ele apareceu aos homens, o mesmo Verbo eterno, que sozinho é tanto Deus quanto homem, e para nós a causa de tudo o que é bom", diz Clemente, em sua Exortação aos Gentios. Como ele era em Deus a causa do nosso ser e bem-estar desde a eternidade, ele era o fundamento dos conselhos divinos da maneira explicada; e em sua encarnação, a execução de todos eles foi confiada a ele, para que por meio dele todo bem atual, todos os frutos desses conselhos, pudessem ser comunicados a nós.

Capítulo V. Ele também é declarado em seguida, como a imagem e grande representante de Deus, até mesmo o Pai, para a igreja. Sobre quaisquer contas diversas que ele é assim chamado, é plenamente exposto no próprio discurso. Em sua pessoa divina, como ele era o unigênito do Pai desde a eternidade, ele é a imagem essencial do Pai, pela geração de sua pessoa e a comunicação da natureza divina a ele. Quando ele se encarna, ele é tanto em sua própria pessoa Deus e homem, e na administração de seu ofício, é a imagem ou representante da natureza e da vontade de Deus para nós, como é plenamente provado. Assim fala Clemente de Alexandria, em sua Exortação aos Gentios: "A imagem de Deus

é a sua própria Palavra, o Filho natural da Mente" (eterna), "a Palavra divina, a Luz original da Luz; e a imagem da Palavra é o homem". E o mesmo autor novamente, em seu Pedagogo: "A Palavra é o rosto, a aparência, a representação de Deus, em quem ele é trazido à luz e revelado." Como ele é em sua pessoa divina sua imagem eterna e essencial; assim, em sua encarnação, como mestre dos homens, ele é a imagem representativa de Deus para a igreja, como é explicado posteriormente.

Assim também Jerônimo expressa seu pensamento sobre isso: (Comentário no Salmo 66:) "Que ele faça brilhar o seu rosto sobre nós; ou levante a luz do seu semblante sobre nós. O que é o rosto de Deus? Mesmo a sua imagem. Pois o apóstolo diz que o Filho é a imagem do Pai. Portanto, deixe-o brilhar sobre nós com a sua imagem; ou seja, faça com que o seu Filho, que é a sua imagem, brilhe sobre nós, para que ele nos ilumine; pois a luz do Pai e do Filho é a mesma." Sendo Cristo a imagem de Deus, o rosto de Deus, nele Deus é representado para nós, e por meio dele todos os benefícios salvadores são comunicados àqueles que creem.

Eusébio também fala frequentemente sobre esse assunto, como em: (*Demonstratio Evangelica*, livro 4, capítulo 2:) "Portanto, os oráculos sagrados, falando teologicamente ou ensinando coisas divinas, corretamente o chamam Deus gerado", (pelo Pai,) "pois somente ele carrega em si a imagem da Deidade inefável e inconcebível. Portanto, ele é e é chamado Deus, por ser o caráter, semelhança ou imagem daquele que é o primeiro." A personalidade divina de Cristo consiste nisso, que toda a natureza divina sendo comunicada a ele por geração eterna, ele é a imagem de Deus, inclusive o Pai, que por meio dele é representado a nós. Veja o mesmo livro, capítulo 7, com o mesmo propósito; também, *De Ecclesiastica Theologia contra Marcellum*, livro 2, capítulo 17.

Clemente abunda muito na afirmação dessa verdade concernente à pessoa de Cristo, e ainda podemos acrescentar, de uma multidão com o mesmo propósito, um ou mais testemunhos dele. Tratando de Cristo como o mestre de todos os homens, seu "paidagogo", ele afirma que ele é "Deus na figura ou forma de homem"; "imaculado, servindo à vontade do Pai, o Verbo, Deus, que está no Pai, à direita do Pai e na ou com a forma de Deus". "Ele é a imagem (de Deus) para

nós, na qual não há mancha; e com todas as nossas forças devemos nos esforçar para nos tornarmos semelhantes a ele". Este é o grande objetivo de ser a imagem representativa de Deus para nós. E em: "Assim como Deus não cai sob demonstração" (ou seja, não pode ser perfeitamente declarado), "assim ele não nos fornece conhecimento imediatamente. Mas o Filho é sabedoria, conhecimento e verdade para nós, e tudo o que está relacionado com isso". Pois, por meio dele, Deus nos ensina e se representa a nós.

Capítulo VII. A eficácia de todos os seus ofícios depende da glória desta divina pessoa de Cristo; uma demonstração especial disso é dada em seu ofício profético. Irenaeus expressa isso bem: "qui nil molitur inepte": livro 1, capítulo 1.

"Não poderíamos ter aprendido de outra forma as coisas de Deus, a menos que nosso Mestre, sendo e permanecendo a Palavra" (eterna), "tivesse se tornado homem. Pois nenhum outro poderia nos declarar as coisas de Deus, senão a sua própria Palavra própria. Pois quem mais conheceu

a mente do Senhor? Ou quem mais foi seu conselheiro? E, da mesma forma, não poderíamos ter aprendido de outra forma, a menos que tivéssemos visto nosso Mestre e ouvido sua voz" (em sua encarnação e ministério), "por meio dos quais, seguindo suas obras e obedecendo à sua doutrina, podemos ter comunhão com ele".

Percebo que se eu continuar com o mesmo tipo de testemunhos em relação à doutrina de todos os capítulos no subsequente discurso, esta introdução se estenderá a um comprimento maior do que jamais foi planejado ou é conveniente. Portanto, escolherei mais um ou dois exemplos, para dar um exemplo da concordância da igreja antiga na doutrina declarada neles, e assim encerrá-la.

Capítulo IX. No nono capítulo e nos seguintes, tratamos da honra divina devida à pessoa de Cristo, expressa em adoração, invocação e obediência, decorrentes da fé e do amor. E o fundamento de tudo está estabelecido na descoberta da verdadeira natureza e causas dessa honra; e três coisas são destinadas à confirmação aqui.

1. Que a natureza divina, que é individualmente a mesma em cada pessoa da Santíssima Trindade, é o objeto formal próprio de toda adoração divina, em adoração e invocação; portanto, nenhuma pessoa é ou pode ser adorada, mas no mesmo ato individual de adoração, cada pessoa é igualmente adorada e venerada.
2. Que é permitido dirigir a honra divina, a adoração e a invocação divina a qualquer pessoa, no uso de seu nome peculiar - o Pai, Filho ou Espírito - ou a todos eles juntos; mas fazer qualquer pedido a uma pessoa e imediatamente o mesmo a outra, não é exemplificado nas Escrituras, nem entre os antigos escritores da igreja.
3. Que a pessoa de Cristo, como Deus-homem, é o objeto próprio de toda honra e adoração divina, em razão de sua natureza divina; e tudo o que ele fez em sua natureza humana são motivos para isso.

O primeiro destes é a doutrina constante de toda a antiga igreja, a saber, que, quer, por exemplo, em nossas orações solenes e invocações, chamemos expressamente pelo

nome do Pai, ou do Filho, ou do Espírito Santo; quer o façamos absolutamente ou relativamente, isto é, com respeito à relação de uma pessoa com as outras, como chamando a Deus como o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, a Cristo como o Filho de seu amor, ao Espírito Santo como procedendo de ambos - invocamos e chamamos formalmente a natureza divina e, conseqüentemente, toda a Trindade e cada pessoa nela. Esta verdade foi principalmente confirmada com a forma de nossa iniciação em Cristo no batismo: "Eu te batizo em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo." Pois assim como nela está contida a soma de toda honra divina, ela é direcionada ao mesmo nome (não aos nomes) do Pai, Filho e Espírito, que é a mesma Divindade ou natureza divina.

Assim falam os Padres do Segundo Concílio Geral em suas cartas aos bispos do ocidente, como estão expressas em Teodoreto, livro 5 capítulo 9. Esta forma de batismo nos ensina, dizem eles, "crer no nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; visto que a Deidade, substância e poder do Pai, Filho e Espírito Santo, são uma e a mesma; sua dignidade é igual; seu reino coeterno, em três pessoas perfeitas." "In nomine dixit, non nominibus, erog non aliud nomen Patris

est, etc., quia unus Deus:" Ambrósio, De Spiritu Sancto, livro 1 capítulo 14. "Onoma de koinon ton trion en, hē theotēs." - "O nome comum aos três é a Deidade:" Gregório Nazianzeno, Orat. 40. Daí Agostinho o apresenta como uma regra, ao falar da Santíssima Trindade: "Quando um dos três é nomeado em alguma obra, deve-se entender que toda a Trindade a está realizando:" Enchirid., capítulo 38. - "Há um só Senhor, uma só fé, um só batismo", de acordo com as Escrituras. Portanto, assim como há uma só fé em Cristo, e um só batismo da verdade, embora sejamos batizados e creiamos no Pai, Filho e Espírito, "kata to auto, oimai, tropon kai logon, mia proskynesis hē patros, kai enanthrōpēsantos uiou, kai hagiou pneumatōs;" - "assim claramente, em meu julgamento, há uma e a mesma adoração do Pai, do Filho encarnado e do Espírito Santo:" Cirilo de Alexandria, De Recta Fide, capítulo 32.

E isso eles próprios professaram acreditar e manter, na antiga doxologia que foi inventada pela primeira vez para refutar a heresia ariana: "Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo." A mesma glória, em cada ato individual de sua atribuição ou ascrição, é dirigida a cada pessoa conjunta e distintamente, por conta da mesma natureza divina em cada

uma delas. Não é necessário apresentar mais testemunhos para confirmar isso; pois, em todos os seus escritos contra os arianos, eles expressamente e constantemente sustentam que a Santíssima Trindade (ou seja, a natureza divina em três pessoas) é o objeto individual de toda adoração divina, invocação e todo culto religioso; e que, por qualquer nome pessoal - como o Pai, Filho ou Espírito - pelo qual chamamos a Deus, é Deus absolutamente que é adorado, e cada pessoa participante da mesma natureza. Veja Agostinho, Lib. con. Serm. Arian. cap. 35, e Epist. 66 ad Maximum.

No que diz respeito ao segundo ponto, ou seja, a invocação de Deus por qualquer nome pessoal, ou pela conjunção dos nomes distintos do Pai, Filho e Espírito Santo juntos, nada ocorre com mais frequência entre eles. Sim, é comum encontrar em seus escritos orações iniciadas a uma pessoa e encerradas em nome de outra; sim, começadas em direção a Cristo e encerradas em nome de Seu Filho unigênito; sendo uma e a mesma natureza divina que é invocada. Sim, os escolásticos geralmente negam que as pessoas da Santíssima Trindade, sob a consideração da razão

formal que constitui sua personalidade, sejam o objeto formal e o termo do culto divino; mas no culto a uma, todas são adoradas como um só Deus sobre todos, bendito para sempre. Veja Aquino, 22 q. 81, a. 3, ad prim., e q. 84, a. 1, ad tertium; Alexandre de Alexandria, p. 3, q. 30, m. 1, a. 3.

No entanto, embora possamos invocar a Deus pelo nome de qualquer pessoa divina ou enumerar de uma vez cada pessoa, (como "**não consegui traduzir.**", 8 22,) não se segue que possamos fazer um pedido em nossas orações a uma pessoa e, em seguida, repeti-lo imediatamente a outra; pois daí se seguiria que a pessoa a quem dirigimos esse pedido em segundo lugar não foi invocada, não foi chamada, não foi igualmente adorada àquela que foi invocada em primeiro lugar, embora a natureza divina seja o objeto de toda invocação religiosa, que é a mesma em cada pessoa. Portanto, em nossa invocação divina, podemos nomear e fixar nossos pensamentos de forma distinta em qualquer pessoa, de acordo com a forma como nossas almas são afetadas pelas operações distintas de cada pessoa em relação a nós na graça.

Quanto ao terceiro ponto, ou seja, a atribuição de honra divina, em adoração e invocação, à pessoa de Cristo;

isso é o que eles principalmente defenderam e argumentaram em todos os seus escritos contra os arianos.

Evidências de infinita sabedoria na constituição da pessoa de Cristo e descobertas racionais das conveniências nela, para a exaltação de todas as outras propriedades gloriosas da natureza divina, também são tratadas. Aqui, consideramos a encarnação do Filho de Deus, com relação apenas à recuperação e salvação da igreja. Alguns têm afirmado que ele teria se encarnado mesmo se o homem nunca tivesse caído ou pecado. Dentre esses estão Rupertus, lib. 3, De Gloria et Honore Filii Hominis; Albertus Magnus, in 3 distinct. 10, a 4; Petrus Galatinus, lib. 3 cap. 4; assim como Scotus, halensis, e outros, seguidos por Osiander. O mesmo é afirmado por Socinus sobre o nascimento desse homem, que ele imaginava ser único, como eu já declarei em outro lugar. No entanto, refutei essa fábula em detalhes. Muitos dos antigos se empenharam nesse argumento, sobre a necessidade da encarnação da Palavra eterna e as conveniências para a sabedoria divina nela. Veja Irenaeus, lib. 3, cap. 20, 21; Eusebius, Demonstratio Evangelica, lib. 4 cap. 1-4, etc.; Cyril. Alexand., lib. 5 cap. 6, lib. 1. De Fide ad Regin.; Chrysostom,

Homil. 10 in Johan., et in cap. 8, ad Romans Serm. 18; Augustine, De Trinitate, lib. 13 cap. 13-20; Leo, Epist. 13, 18, Sermo. De Nativitate 1, 4, 10; Basil., in Psalm 48; Albinus, lib. 1 in Johan. Cap. 11; Damascen., lib. 3, De Fide, cap. 15, 19; Anselm., quod Deus Homo, lib. duo. Guil. Parisiensis, lib. Cur Deus Homo. Algumas testemunhas especiais podemos apresentar para confirmar o que discorreremos, nos lugares indicados. Há uma delas, uma das mais antigas, eruditas e santas, que expressou tão plenamente seus pensamentos sobre esse mistério, que eu principalmente farei uso do testemunho dele aqui.

Pertencia à sabedoria e justiça de Deus que Satanás fosse conquistado e subjugado na mesma natureza pela qual ele havia prevalecido, por meio de suas sugestões e tentações. Nesse sentido, o autor sagrado diz, (livro 3, capítulo 20,) e como suas palavras são citadas por Theodore, (Diálogo 2,) vou transcrevê-las de lá, pois estão livres das distorções do tradutor bárbaro:

“Assim, como dissemos antes, Ele uniu o homem a Deus. Pois se o homem não tivesse vencido o adversário dos homens, o inimigo não teria sido justamente derrotado; e, por outro lado, se Deus não tivesse concedido e garantido a salvação, nós nunca poderíamos ter uma posse firme e inabalável dela; e se o homem não tivesse sido unido a Deus, ele não poderia ter sido participante da imortalidade. Portanto, era apropriado ao Mediador entre Deus e o homem, por sua própria participação na natureza de cada um deles, trazê-los ambos para amizade e concordância mútua.” E com o mesmo propósito, ao falar da sabedoria de Deus em nossa redenção por Cristo, com relação à conquista do diabo: (livro 5, capítulo 1:)

"Poderoso em todas as coisas é o Verbo de Deus, e não falha em sua justiça; justamente também voltou-se contra a própria apostasia; resgatando dEle as coisas que eram suas, não com força, como ele tinha domínio sobre nós, rapinando insaciavelmente o que não era seu; mas Ele, o Senhor, nos redimiou com seu próprio sangue, dando sua alma pela nossa alma e sua carne pela nossa carne", etc.

Novamente, de maneira divina: "O todo-poderoso Verbo de Deus, em nenhuma maneira deficiente em retidão, posicionou-se contra a apostasia justamente também, resgatando dEle as coisas que eram suas — não com força, como ele dominava sobre nós, fazendo rapina insaciável do que não era seu — mas Ele, o Senhor, nos redimiu com seu próprio sangue, entregando sua alma pela nossa alma e sua carne pela nossa, realizando a nossa libertação." Essas coisas são amplamente abordadas na conclusão do discurso.

É parte deste grande mistério e fruto da sabedoria divina que nossa libertação fosse realizada na mesma natureza pela qual e através da qual fomos arruinados. As razões disso, bem como a glória de Deus nisso, são amplamente discutidas no tratado subsequente. No mesmo sentido fala o mesmo autor sagrado: (livro 5, capítulo 14:)

"O Senhor não recapitularia essas coisas em Si mesmo, se Ele mesmo não tivesse se tornado carne e sangue segundo a principal criação; salvando em Si mesmo, no final, aquilo

que havia perecido no princípio em Adão. Mas se o Senhor foi encarnado por outra disposição e trouxe carne de outra substância, então Ele não recapitulou o homem em Si mesmo, nem mesmo pode ser dito que Ele é carne... Portanto, Ele próprio tinha carne e sangue, não de outra substância, mas recapitulando em Si mesmo a principal criação do Pai, procurando o que havia perecido." "E com o mesmo propósito: (livro 5, capítulo 1:)

'Pois ele não teria verdadeiramente sangue e carne, por meio dos quais nos redimiu, a menos que recapitulasse em si mesmo a antiga criação de Adão.'

O que essas passagens testemunham é o que discorreremos sobre a necessidade de nossa redenção na mesma natureza que pecou; no entanto, ao mesmo tempo, ela deveria estar livre de toda a contaminação que invadiu nossa natureza pela queda. E essas coisas são divinamente expressas. 'Nosso Senhor', diz ele, 'não teria reunido essas coisas em si mesmo, se Ele não tivesse se tornado carne e sangue, de acordo com sua criação original.' O leitor pode observar que nenhum dos

escritores antigos expressa tão frequentemente a queda de Adão pela nossa apostasia de Deus e nossa recuperação por uma recapitulação em Cristo como Ireneu — sua recapitulação sendo nada além da 'ajnakefalaiwsiv' mencionada pelo apóstolo, em Efésios 1:10 — e ele afirma aqui que, para este fim, o Senhor se tornou carne; 'secundum principalem plasmationem', como suas palavras são traduzidas; isso é claramente, a criação original de nossa natureza na inocência, retidão, pureza e justiça.) 'Assim, Ele salvou em si mesmo, no final, o que pereceu em Adão no começo.' (A mesma natureza, na e pela mesma natureza.) 'Pois se o Senhor tivesse se encarnado por qualquer outra disposição,' (ou seja, causa, razão ou objetivo,) 'e tivesse trazido carne de qualquer outra substância,' (ou seja, celestial ou etérea, como os agnósticos imaginavam,) 'Ele não teria recuperado os homens, trazido nossa natureza a um cabeça em si mesmo, nem poderia ser dito que Ele era carne. Portanto, Ele mesmo tinha carne e sangue, não de qualquer outro tipo; mas Ele assumiu para si o que foi originalmente criado pelo Pai, buscando o que foi perdido.' O mesmo é

observado por Agostinho: (Livro de Fide, ad Petrum Diaconum:)"

"Portanto, creia em Cristo, o Filho de Deus, ou seja, uma pessoa da Trindade, que é o verdadeiro Deus, para que você não duvide de que sua divindade nasceu (ou seja, foi eternamente gerada) da natureza do Pai; e assim creia que ele é um verdadeiro homem, e que sua carne não é aérea, nem celestial, nem de qualquer outra natureza, mas daquela que é a carne dos homens; ou seja, a qual Deus mesmo formou no primeiro homem da terra, e que Ele forma em todos os outros homens." O que ele fala de uma pessoa da Trindade tem relação com a opinião herética de Hormisdas, bispo de Roma, que argumentou que era ilegal afirmar que uma pessoa da Trindade se encarnou, e perseguiu alguns monges citas, homens não desprovidos de conhecimento sobre o assunto, que foram vigorosamente defendidos por Maxêncio, um deles. Isso carrega uma grande congruência com a sabedoria divina, que o homem deveria ser restaurado à imagem de Deus por aquele que era a imagem essencial do Pai (como é declarado em nosso discurso); e que ele foi feito semelhante a nós, para que pudéssemos ser feitos semelhantes a ele e a Deus por meio

dele. Assim fala o mesmo Ireneu: (livro 5, Prefácio:) 'Jesus Cristo, o Verbo de Deus, que, por causa de seu imenso amor, foi feito o que nós somos, para que ele pudesse nos fazer o que Ele é;' ou seja, pela restauração da imagem de Deus em nós. E novamente: (livro 3, capítulo 20:) "O Verbo de Deus, Jesus Cristo, que por causa de seu amor inimaginável tornou-se o que somos, para que pudesse nos fazer o que Ele mesmo é", ou seja, pela restauração da imagem de Deus em nós."

Pg.50